

EXXON VALDEZ



24-03-2004 - Amsterdã, Holanda

Desastre do Exxon Valdez: uma contínua história de mentiras

Em 1989, o desastre do navio da maior petrolífera do mundo derramou 41 milhões de litros na costa do Alasca, afetando a vida animal até hoje

No 15º aniversário do acidente do navio Exxon Valdez, que despejou 41 milhões de litros de petróleo em uma área de vida selvagem no Alasca (EUA), o Greenpeace exige que a empresa petrolífera ExxonMobil limpe a área atingida. Maior companhia petrolífera do mundo, a empresa, que comercializa seus produtos sob a marca Esso, utiliza seu poder financeiro e sua influência para fugir de qualquer responsabilidade sobre o desastre. A empresa foi multada em mais de US\$ 5 bilhões pelos danos ambientais decorrentes do acidente do Exxon Valdez, porém entrou na justiça com um pedido para recorrer da decisão (1).

Em 1991, a ExxonMobil foi considerada culpada por infringir inúmeras leis ambientais e foi multada em mais de US\$ 1 bilhão. Essa foi a maior punição da história com o objetivo de minimizar os danos causados por um desastre ambiental corporativo. A gigante petrolífera também tenta encontrar um crime para acusar formalmente 38 voluntários do Greenpeace, que entraram na sede da ExxonMobil no Texas (EUA) a fim de protestar contra a posição da companhia sobre as mudanças climáticas.

No início da década de 90, a ExxonMobil financiou pesquisas que afirmavam que a área atingida estava saudável e se recuperando bem. Entretanto, novas pesquisas científicas, conduzidas por mais de 14 anos, atestam o contrário. O mais

EXXON VALDEZ



recente desses estudos, publicado pela revista científica Science (2) concluiu que a recuperação da área está longe de alcançar um nível ideal. A região continua a apresentar problemas resultantes dos resíduos do petróleo derramado.

Com 500 milhas de costa coberta com petróleo, a mortalidade de animais após o derramamento foi alta. Lontras, aves marinhas e populações de focas foram os que mais sofreram. Ao contrário do que afirmam as pesquisas da ExxonMobil, até hoje a área está contaminada pelo óleo, além de substâncias tóxicas persistentes, resultando em impactos a longo prazo.

Denis Kelso, membro da comissão do Departamento de Conservação Ambiental do Alasca, concorda que as declarações da Exxon Mobil que se seguiram ao derramamento foram “parte das deliberadas informações erradas da companhia” (3). Essa posição é sustentada pelo cientista marinho Rick Steiner, que acredita que a ExxonMobil construiu sua própria “realidade” sobre o derramamento, baseada em impactos mínimos e recuperação rápida (4).

“As táticas da ExxonMobil são bem conhecidas e este é um caso clássico de negação, enganação e demora”, disse a campaigner do Greenpeace Anita Goldsmith. “Assim como a empresa não aceita as evidências científicas sobre as mudanças climáticas, nega que o petróleo derramado está causando danos na área. Em ambos os casos, a Exxon faz campanhas enganosas sobre sua responsabilidade corporativa ambiental e social. Enquanto a ExxonMobil continuar neste caminho, o Greenpeace continuará a fazer campanhas como a dos voluntários do Texas, para expor isto”.

Pagar pesquisas que dêem suporte a este argumento e informem erroneamente o público não é novidade para a ExxonMobil. A empresa financia a publicação de pesquisas em

EXXON VALDEZ



revistas acadêmicas, que validam o argumento da companhia de que os juízes não são competentes para determinar uma sentença para os danos ambientais como no caso do Exxon Valdez (5). Estas pesquisas são uma tentativa de incentivar uma mudança na legislação, que permita à ExxonMobil vencer nas apelações para outorgar as indenizações que deve.

A empresa também conduz campanhas organizadas para minar as constatações científicas sobre as mudanças climáticas. Em uma época em que o mundo sofre as consequências do aquecimento global, como inundações e secas, a ExxonMobil defende que são necessários mais estudos antes de se iniciar uma ação efetiva de combate às causas do problema. A versão da empresa para o derramamento de petróleo de seu navio há 15 anos é uma história cheia de mentiras. Uma herança que a empresa mantém em suas atividades até os dias de hoje.

(1) Exxon, "Attorneys general ask Exxon to pay up" ("Procuradores pedem que a Exxon salde sua dívida"), Anchorage Daily News, 13 de maio, 1999.

(2) Revista Science, 19 de dezembro de 2003, Vol 302, "Long-term Ecosystem Response to the Exxon Valdez Oil Spill" (Resposta a longo prazo do Ecossistema ao vazamento de óleo do Exxon Valdez), C.H.Peterson, S.D.Rice, J.W.Short, D.Esler, J.L.Bodkin, B.E.Ballachey, D.B.Irons.

(3) Dennis Kelso, citação em "Critics Fault Exxon" ("Críticos culpam a Exxon"), Christian Science Monitor, 14 de junho, 1989.

(4) Professor Rick Steiner in, "The Truth about The Exxon Valdez Oil Spill" ("A verdade sobre o vazamento de óleo do Exxon Valdez"), Prof. Rick Steiner e Dr. Riki Ott, 16 de novembro, 1993.

EXXON VALDEZ



(5) Washington Post, Friday December 2003, "Exxon Funded Research Into Jury Awards" ("Exxon financiou pesquisas para a sentença judicial"), Alan Zarembo, 26 dezembro, 2003.

Fonte: Greenpeace-Brasil (www.greenpeace.org.br)

18-11-2002 - Espanha / São Paulo **Navio parte-se ao meio na costa da Espanha**

Vazamento pode ser maior que o do Exxon Valdez

O navio Prestige, que carregava 77 mil toneladas de óleo – quase o dobro da quantidade carregada pelo petroleiro Exxon Valdez –, partiu-se ao meio na costa da Espanha e corre o risco de ser uma das piores catástrofes ecológicas já vistas.

O óleo já se espalhou pela costa e pássaros e outros animais foram contaminados. Uma vez liberado no meio ambiente, o óleo é muito difícil de ser contido, e sua grande maioria permanecerá no ambiente marinho. Foi informado que o Prestige estava a 250Km da costa espanhola quando partiu-se. A maior parte da tripulação foi evacuada depois que o navio começou a ser invadido pela água, durante o período de mau tempo da última semana.

O que podemos esperar do desastre ecológico que se segue ao naufrágio do Pestrige?

Infelizmente, a história nos mostra um quadro bastante claro. Logo após a meia-noite de 24 de março de 1989, o petroleiro Exxon Valdez naufragou em Bligh Reef, no Alaska, espalhando 11 milhões de galões de óleo. Em poucos dias, aproximadamente 700 milhas da costa estavam contaminadas e o óleo do vazamento pode ser encontrado a até 600 milhas do local do acidente.

EXXON VALDEZ



O vazamento matou entre 3.500 e 5.500 das 35.000 lontras marinhas existentes na região. Mais de 35.000 carcaças de pássaros contaminados foram recolhidas durante os primeiros quatro meses após o vazamento; no total, de 300.000 a 675.000 pássaros marinhos morreram. Dez anos depois, em fevereiro de 1999, apenas duas espécies animais – a águia careca e a lontra de água doce – foram tidas como recuperadas dos efeitos do vazamento. Focas, várias espécies de aves marinhas, pingüins e uma espécie de baleias foram classificadas como "não recuperáveis". Estudos posteriores mostraram que os cardumes de peixes ainda estão suscetíveis aos efeitos do vazamento, mesmo por concentrações relativamente baixas de compostos químicos encontrados no petróleo. Apesar da Exxon alegar que o local foi completamente recuperado e limpo, bolsões de óleo permanecem sobre a superfície em diversas áreas.

De fato, o Exxon Valdez foi apenas uma catástrofe da longa e contínua lista de vazamentos de óleo, no Alaska e por todo o mundo. E este nem foi um dos maiores: de acordo com o Centro de Informação sobre Vazamento de Óleo, houve 39 vazamentos maiores desde 1960. Se outras formas de vazamento – como o caso do que resultou da Guerra do Golfo, a explosão de um poço de petróleo no Uzbequistão em 1992, ou a ruptura de um duto na Rússia em 1994 – forem incluídas, a catástrofe causada pelo Exxon Valdez ocupará o 53º lugar na lista.

No Brasil, o acidente com a plataforma P-36 da Petrobras, na Bacia de Campos em 2001, culminou uma triste lista de desastres encabeçados pela Petrobras. Entre 1998 e 2001, foram 99 acidentes com 32 mortes. Um milhão de litros de óleo foram derramados na Baía de Guanabara, quatro milhões no Rio Iguaçu, derrames também ocorreram em Tramandaí (RS),

EXXON VALDEZ



Paranaguá (PR) e São Sebastião (SP), dentre outros de menor proporção.

O perigo do petróleo não está limitado aos vazamentos

Esse último acidente envolvendo o Prestige nos lembra dos perigos inerentes aos combustíveis fósseis. Além da poluição causada por sua extração, transporte e utilização, os combustíveis fósseis estão causando as mudanças climáticas, o pior problema ambiental dos dias de hoje.

O planeta não suporta mais terras e mares contaminados, comunidades prejudicadas, plantas, animais e seres humanos morrendo ou adoecendo. É preciso substituir a utilização de petróleo por fontes de energia limpas e renováveis que possam suprir nossas necessidades sem ameaçar nosso meio ambiente, agora e no futuro.

Fonte: Greenpeace-Brasil (www.greenpeace.org.br)

ExxonMobil é condenada a pagar US\$ 4 bilhões pelo vazamento do Exxon Valdez

17:46

Repórter da Agência Brasil

Brasília - A ExxonMobil Corp. foi condenada a pagar US\$ 4 bilhões em indenizações pela tragédia ambiental provocada em 1989, quando o petroleiro Exxon Valdez derramou 40 mil toneladas de óleo nas águas no Alasca. O veredicto foi anunciado pelo juiz Russel Holland, em resposta a um apelo impetrado pela companhia.

Em 1994, um júri do Alasca concedeu indenização de US\$ 5 bilhões a cerca de 32 mil pessoas que entraram com uma ação coletiva contra a Exxon, responsável pelo pior acidente ecológico da história dos Estados Unidos. Entretanto, no ano

EXXON VALDEZ



passado, um tribunal de apelações considerou o valor da indenização excessivo e determinou que Holland revisasse o montante a ser pago.

O juiz decidiu, então, baixar a indenização em US\$ 1 bilhão. Um porta-voz da ExxonMobil disse que o valor ainda é muito alto e que a companhia vai novamente recorrer a um tribunal federal contra a sentença. "Esse veredicto é totalmente inconsistente com a determinação do tribunal do Nono Circuito e com a Suprema Corte", reagiu o porta-voz Tom Cirigliano.

A ExxonMobil já pagou cerca de US\$ 3,4 bilhões em multas a órgãos estaduais e federais por conta do derramamento de óleo, que cobriu 2,5 mil quilômetros de costa com uma crosta negra, prejudicou a indústria pesqueira da região e matou milhares de animais. A companhia alega que não cabem mais pagamentos de indenização no caso e que, mesmo que a Justiça assim decidir, o valor não deve ultrapassar os US\$ 40 milhões.

Os querelantes incluem pescadores comerciais, moradores do Alasca e donos de propriedades no litoral.

As informações são da CNN.

07/12/2002

Vazamento do Exxon Valdéz ainda prejudica fauna do Alasca

Lana Cristina

Repórter da Agência Brasil

Brasília - O vazamento de óleo do petroleiro Exxon Valdéz, em 1989, ainda prejudica a fauna do Alasca, disseram cientistas do Serviço Nacional de Pesca Marinha dos Estados Unidos, em estudo divulgado recentemente. A conclusão é de que uma área considerável (28 acres) de praias ainda está contaminada por

EXXON VALDEZ



15.850 galões de óleo. Além disso, os animais sofrem de estresse devido à contaminação.

Os pesquisadores instalaram aparelhos de monitoramento na região e coletaram vestígios de hidrocarboneto no mar. Eles usaram também dados de 2001, para comparar e elaborar o estudo. Lontras e patos apresentaram estresse e a comprovação veio das amostras de fígado analisadas, que continham níveis altos de uma enzima relacionada à exposição ao óleo. Os animais podem ter se contaminado entrando em contato com o material diretamente, ou comendo alimentos contaminados ou ainda cavando areia das praias atingidas.

Os dados foram apresentados em conferência promovida pelo painel federal que fiscaliza a restauração da região. A multinacional Exxon Mobil alega que o local está reestabelecido do acidente. A empresa gastou mais de US\$ 2 bilhões para limpar a região e pagou outros US\$ 4 bilhões de indenização para pescadores e moradores do Alasca. O acidente do Exxon Valdéz foi um dos piores desastres ambientais causados por vazamento de petróleo. O petroleiro encalhou no canal do Príncipe William e a colisão provocou o derramamento de 35 mil toneladas de petróleo cru. O vazamento atingiu mais de 1.900 quilômetros de praia. Na época, 250 mil aves marinhas, lontras e salmões morreram. (com informações da Folha On Line e agências) - 15/01/2003

Especialista apresenta tecnologias para combater vazamento de óleo

16:25

Cecília Jorge

Repórter da Agência Brasil

Brasília - Mapear os ecossistemas brasileiros para poder implantar as tecnologias contra vazamento de petróleo. Essa foi

EXXON VALDEZ



a principal conclusão da palestra, promovida esta semana pelo Ibama, com um dos maiores especialistas sobre o assunto, o geólogo e consultor americano Edward Owens.

Com experiência de mais de 30 anos, Owens foi o coordenador das ações de combate a incêndio nos poços de petróleo durante a Guerra do Golfo e consultor técnico no vazamento do navio Exxon Valdez, no Alasca, ocorrido recentemente e ainda considerado o maior desastre de todo o mundo. Ele apresentou o modelo gerencial que agiliza e torna mais eficiente as ações de combate a acidentes. O ponto principal desse modelo é a integração entre as instituições locais, regionais e federais.

Com uma maior capacidade de articulação, evita-se o deslocamento desnecessário de equipamentos e de recursos humanos, evitando gastos e morte de pessoal da equipe, disse Owens. Os danos ao meio ambiente, é claro, também são minimizados.

Edward Owens também apresentou as tecnologias disponíveis hoje, entre elas, os mais variados tipos de dispersantes de petróleo. No Brasil, apenas três dessas substâncias têm licença ambiental para serem usadas em todos os tipos de acidentes, sejam no mar, nos rios ou na terra. Na Inglaterra, por exemplo, são usados mais de 20 dispersantes.

Mas para que o uso dessa tecnologia avance no país é preciso fazer um mapeamento detalhado de toda a diversidade ambiental existente por aqui. "É preciso identificar as áreas sensíveis e críticas que podem não se adequar a determinados dispersantes", explicou o coordenador geral de Controle e Qualidade Ambiental do Ibama, João Câmara.

Segundo ele, essa é a principal barreira para o licenciamento de novas substâncias. "Um dispersante que pode ser adequado

EXXON VALDEZ



para um acidente no litoral do Nordeste pode não ser para o litoral paulista ou para o cerrado", disse Câmara. "Só com esse conhecimento adequado das especificidades do nosso ecossistema é que teremos condições de decidir quais tecnologias poderão ser licenciadas e onde poderão ser usadas", acrescentou. - 24/05/2003

Fonte: Agência Brasil (www.radiobras.com.br)